

aconselhou o desenvolvimento, sempre desejei atender a benefício dos que sofrem nas trevas e, por isso, tenho tentado o desabrochar de minhas faculdades mediúnicas...

— Quando o amigo espiritual te aconselhou desenvolvimento, procedeu sábiamente. Todos nós precisamos desenvolver sentimentos nobres, compreensões justas, noções santificantes. Quanto a faculdades psíquicas, é indispensável considerar que toda criatura as possui, em maior ou menor grau. Ha, sim, trabalhadores com tarefas definidas, nesse particular; no entanto, não podem fugir á espontaneidade, como não escapaste á missão de mãe. E olvidaste, porventura, que ser mãe é ser médium da vida? Ignoras que o lar constitui sessão permanente, onde a doutrinação e a caridade com os filhos pedem, as vezes, sacrifício secular? Não abandonas a cooperação de amor junto ás amigas do mundo, prossegue servindo aos semelhantes, dentro das possibilidades justas, alivia o sofrimento dos que choram no plano invisível, mas não esqueças a reunião permanente da família, onde tens evangelizações e testemunhos, a todos os minutos do dia e da noite. Para poder cooperar nos campos imensos da esfera visível e invisível, é preciso saber cultivar o canteiro da obrigação própria. Volta, minha amiga, e que Deus te abençoe.

Dona Laurentina acordou assombrada. Radiosa alegria estampara-se-lhe no semblante. Num transporte de júbilo contou ao marido a curiosa ocorrência.

Ele abraçou-a contente e exclamou:

— Agora, interessa-me de fato essa nobre doutrina. Nunca julguei que pudessem existir Espíritos tão sábios e tão bons.

A EXPERIENCIA DE CATARINO

No início dos trabalhos psíquicos, presididos por Catarino Boaventura, surgiu certa entidade revelando singular carinho e trazendo cooperação interessante, que imprimia novo estímulo á tela viva de cada reunião. Fez-se conhecer pelo nome de Aquiles, que nenhum dos componentes do círculo conseguiu identificar. No entanto, apesar do anonimato, criou um vasto ambiente de simpatia, não pela cultura notável, mas pelo préstimo ativo que demonstrava. Impressionado o grupo, em vista das intervenções espetaculares, não houve mais ensejo para o estudo metódico da doutrina.

Debalde o verdadeiro orientador espiritual exortou os companheiros, no sentido de renovarem sentimentos á luz do Evangelho de Cristo. Ninguém dava ouvidos á solicitação insistente. Em vão movimentou-se o mentor dedicado, provocando a vinda de irmãos esclarecidos, no proposito de modificar a situação. A assembléia não se interessava pelos aspectos elevados, que a nova fé lhe oferecia. Livros edificantes, jornais bem orientados, revistas educativas, eram relegados a plano secundário, á conta de inúteis. A amizade de Aquiles representava a nota essencial do agrupamento. Todos os componentes da sessão costumeira recorriam aos seus bons officios, qual se fôra um semi-deus. A entidade prestativa não disseminava maus conselhos, nem menosprezava os princípios nobres da vida; contudo, subtraía aos amigos invigilantes a oportunidade de caminharem por si mesmos. Participava de todos os negocios materiais dos companheiros. Opinava em casos particulares e pro-

blemas intimos. Chamavam-no guia e diretor infalível.

Via-se, porém, que Catarino Boaventura assumira grande responsabilidade na situação algo confusa, porquanto, na qualidade de orientador incarnado, perdia-se frequentemente em questões e perguntas ociosas.

Os legítimos instrutores, em semelhante regime de levandade doentia aliada a forte preguiça mental, afastaram-se discretamente, pouco a pouco.

E Aquiles, parecendo menino bondoso e desajuizado, especie de criadito diligente e humilde, continuou prestante aos trabalhos de qualquer natureza. Fortemente ligado a Catarino por vigorosos laços magneticos, não se sabia qual dos dois era mais leviano, no capítulo sagrado da responsabilidade individual.

Na residencia dos Boaventuras, não se tentava solução de problema algum sem audiencia do colaborador invisível.

O chefe da familia jamais se cansava de interrogações e consultas. Frequentemente repetiam-se entendimentos deste jaez:

— Meu irmão, que nos diz relativamente ao meu projeto de sociedade comercial com o Morais e Silva?

— Referes-te ao projeto da fábrica de doces? — indagava o Espirito, demonstrando bondade fraternal.

— Isso mesmo.

— Espera. Estudarei detidamente o assunto.

Daí a minutos, regressava Aquiles informando:

— E' inconveniente o negócio. Morais e Silva não é homem de boas intenções. Não possui capital suficiente e pretende lançar emprestimo fraudulento em casa bancária. Aceitar-lhe a companhia constituirá erro grave.

Catarino não fazia valer as razões nobres da vida, que mandam alijar intrigas e esclarecer intrigantes, no mecanismo das relações usuais, e, olhos vivazes, agradecia:

— Ainda bem, Aquiles, que tive tua cooperação desinteressada. Obrigado, amigo. Amanhã tomarei providencias indispensaveis, compelindo o malandro a dessembaraçar o caminho.

No dia imediato, desfaziam-se os projetos, sem motivos justos. O quadro das oportunidades de trabalho surgia diáriamente, mas o comunicante, instado pelo companheiro, destacava sempre as dificuldades e impedimentos. Se observava pessoas, comentava-lhes os defeitos; se examinava situações, expunha as zonas vulneraveis.

— Que me ordenas hoje, irmão? — perguntava Aquiles, zeloso.

— Faço questão que te fixes no caso, trazendo informes detalhados e francos.

— Queres conhecer os obstaculos existentes?

— Sim, preciso me mostres o lado obscuro, a-fim-de agir em confiança perfeita.

E, em todas as situações, obedecia o emissario, cegamente.

O menor problema era considerado com esse criterio de relêvo á sombra, com esquecimento das probabilidades de luz.

Enquanto passava o tempo, cresciam as demonstrações de preguiça mental. Aquiles parecia alimentar-se dos fluidos magneticos de Catarino e este, a seu turno, revelava-se cada vez mais dependente do companheiro espiritual. E tão enredada ficou a familia Boaventura, no temor das pessoas e situações, que o dono da casa foi compelido a colocar-se em modesta condição de representante de várias instituições comerciais, para que não faltasse o pão cotidiano.

Toda noite, porém, reunia-se o grupinho, reincidindo o dirigente da sessão nas perguntas invariaveis.

— Aquiles, concordas comigo relativamente á viagem de amanhã?

— Perfeitamente — respondia incorporado á medium — aquelle bairro é futuroso e rico.. Visitei-o ontem á noite, conforme determinaste e posso dizer que o volume de negocios é dos mais promissores.

Catarino agradecia, solícito, e, feita a viagem inicial, recomendava na sessão imediata.

— Terminando as actividades atuais, tenciono visitar a cidade a que nos referimos a semana passada.

Desejaria, meu irmão, que trouxesses informações exatas, por saber se serei bem ou mal sucedido.

Aquiles prometia esforçar-se e, vindo a noite, opinava:

— Não convem tentar o plano formulado. A cidade é pequena e pobre, o jogo dos interesses ali predominantes não oferece oportunidades lucrativas. A população vive de produtos agrícolas, mas, dada a incerteza da colheita, varios estabelecimentos comerciais aproximam-se da falência.

— Agradeço-te, amado guia — falava o diretor da reunião extremamente sensibilizado — encontro em ti meu apoio diário.

E não satisfeito com a incuria propria, Catarino fazia ativa propaganda dos méritos de Aquiles. Nunca mais se referiu aos mentores sabios que costumavam cooperar nas reuniões doutro tempo, trazendo exortações sérias e estímulos preciosos ao estudo das grandes leis da vida. Preferia o mensageiro que lhe obedecia às ordens caprichosas. Afeiçoados, vizinhos, conhecidos, vinham pressurosos associar-se-lhe á atitude negativa. Aquiles atendia as mais estranhas consultas, tornando-se respeitado qual figura miraculosa.

Mas, com o correr inflexível do tempo, Catarino Boaventura acabou entregando o corpo á terra.

Qual não foi, porém, a surpresa que teve, quando, ao entrar em contacto direto com o plano espiritual, divisou lado a lado o comunicante das sessões terrestres! Uma figura comum, sem qualquer expressão notável que o tornasse digno de veneração. O antigo diretor da reunião estava perplexo. Na cegueira espiritual em que se envolvera no mundo, presumia no amigo obediente qualidades excepcionais de condutor. Aquiles, todavia, aproximou-se humildemente e perguntou:

— Ainda bem que te encontro, meu velho amigo! Quais são as tuas ordens, agora?

— Ordens? — indagou Catarino aterrado — pois não és nosso guia e orientador?

— Não tanto assim — explicou o interpelado — designaram-me para cooperar em tuas atividades na

Terra e, desde então, trabalhando exclusivamente a teu mando, não tenho outra preocupação senão obedecer-te.

— Não te encontras, acaso, em permanente comunicação com aqueles que te designaram? — perguntou o recém-desincarnado ansioso de auxílios novos.

— Fui ajudar-te, comprometendo-me a não cessar o intercambio com esse amigo generoso que me acolheu e proporcionou trabalho nas tuas reuniões — esclareceu o cooperador humilde — no entanto, davas-me tantas preocupações e tantos encargos sobre pessoas, negócios, vilas e bairros diferentes, que, quando tentei receber novas instruções, não mais achei caminho. Sentindo-me só, tratei de unir-me mais e mais contigo e acreditei dever esperar-te, já que me prendeste tanto em tua propria senda.

Catarino experimentou a surpresa angustiosa de quem encontra o fundo do abismo. Sómente aí, compreendeu que os ignorantes não permanecem exclusivamente na Terra e que o pobre Aquiles não passava de servo confiante da indolencia que lhe assinalara a ultima experiencia terrestre.

Movimentando-se tardiamente, inclinou o companheiro a meditar na gravidade da situação e, á maneira de bandeirantes da sombra, puseram-se a caminho, das trevas para a luz. A jornada penosa realizava-se a custa de lágrimas e desenganos. Quanto tempo durou a procura de uma voz abençoada que lhes ensinasse a saída do labirinto imprevisto? Não poderiam responder.

Chegou, todavia, o momento em que Boaventura sentiu a presença de generoso amigo ao lado de ambos. Bradou o reconhecimento que lhe vibrava no coração, quis ajoelhar-se, oscular os pés do mensageiro que lhes vinha ao encontro. Não pôde, contudo, fixar o emissor, mas a voz que os cercava ergueu-se brandamente e falou com emoção:

— Catarino, Jesus não desampara nunca os que se propõem firmemente á retificação. Reconheces, agora, que a vida em todo plano da natureza pede esforço, trabalho, compreensão. Como pudeste acreditar que

Deus ligasse a esfera visível á invisível, na Terra, tão só por subtrair o homem aos problemas e labores necessários? Cada dia, no mundo, levava-te ao coração abundante celeiro de oportunidades que nunca soubeste aproveitar. Aprendeste que os desincarnados são igualmente trabalhadores e nem sempre são missionários iluminados e redimidos. Quando a Providencia permitiu que se encontrassem os irmãos de uma e outra esfera, não foi para estabelecer inércia e sim desenvolver, mais intensamente, a cooperação, a fraternidade e o espirito de serviço. Uns e outros são portadores de necessidades e problemas próprios, que a diligencia e o amor reciprocos podem resolver. Entretanto, transformaste o pobre Aquiles em muleta dos teus aleijões mentais. Fugiste aos problemas, abandonaste o trabalho, renunciaste ás possibilidades que o Senhor do Universo depositou em teus caminhos!...

Calando-se a voz por momentos, Boaventura implorou afogado em pranto:

— Dai-me um guia por amor de Deus!...

— Um guia? — perguntou o mentor invisível — para que? De que modo caminharás neste plano, se não quisesse aprender a caminhar nas estradas do globo? Não posso atender-te agora ao desejo; todavia, Jesus não te deixará ao desamparo... Vamos, segue-me! Regressarás á Terra para aprender que desincarnados e incarnados têm realizações que precisam efetuar conjuntamente. Não desdenhes o desenvolvimento das faculdades próprias! Vamos, Catarino, e não esqueças nunca que a dificuldade, a luta, o obstaculo e o sofrimento são guias preciosos que ninguem poderá dispensar na marcha para Deus.

E Boaventura de mãos dadas com Aquiles perplexo, seguiu, cambaleando, a grande luz que rompia as sombras, voltando ao mesmo lugar donde viera, afim de recomeçar a lição da vida.

NARRADOR APENAS

— Terminara a leitura — continuou Armando Botelho, na palestra eventual, em casa dos Velosos — e entrei a meditar profundamente, quando o vulto penetrou no quarto, de leve. Fixei-o surpreso e reconheci minha mãe a mostrar-me o sorriso meigo de outro tempo. Não disse palavra, nem se aproximou muito de mim; todavia, pude identificar-lhe as mãos rugosas, o olhar carinhoso e vivo, os cabelos brancos.

Enquanto o narrador distinto se calava bruscamente por acender outro cigarro, a nobre senhora interrogou:

— Mas, se conseguiu verificar fenômeno tão belo, como pode duvidar da comunicação dos Espíritos desincarnados?

Revelando maneiras apuradas no trato social, Botelho utilizou o cinzeiro, sorriu discretamente e sentenciou:

— Apesar disso, tenho minhas dúvidas. Quem me diz que a visão não era reflexo de minha propria mente? Durante o dia eu pensara em minha mãe, fitara retratos, relera velhas cartas dela. Nada impossível que meu subconciente padecesse determinadas excitações. Aliás, estes casos são comuns. Nosso problema psíquico é mais transcendente do que se pode imaginar. A ciencia de hoje relaciona observações indiscutíveis.

— Não compreendo bem — atalhou o respeitável Libório, hóspede da casa — neste passo, o subconciente nos levará a ilações mais inacreditáveis e mais difíceis de exame.